

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADORES)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADORES)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos [recurso eletrônico] / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-046-9 DOI 10.22533/at.ed.469202505</p> <p>1. Letras. 2. Linguística. 3. Artes. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Linguística, Letras e Artes e Novas Perspectivas dos Saberes Científicos, coletânea de dezessete capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Realizando um levantamento histórico em relação aos cursos de Letras e os seus estabelecimentos nas terras brasileiras, temos **OS CURSOS DE LETRAS NO BRASIL QUINHENTISTA E OS MONUMENTA ANCHIETANA: UMA ANÁLISE À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA**, de Leonardo Ferreira Kaltner. Ainda na órbita da Linguística, temos **ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA: POSSIBILIDADE DE ESTIMULAR MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS DE DISCENTES PARA EVENTOS DE LETRAMENTO**, de Ewerton Lucas de Mélo Marques e Maria Auxiliadora Bezerra, e **LÍNGUA-ESTRUTURA E LÍNGUA-ACONTECIMENTO: UM OLHAR SOBRE O TÓPICO “GRAMÁTICA/DISCURSO” DA PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA**, de Fabiane Aparecida Pereira, que problematizam a questão do estágio supervisionado e a proposta curricular de Santa Catarina, respectivamente.

A TUPINOLOGIA E SEUS CRÍTICOS, de Eduardo de Almeida Navarro, **UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DE FATORES INDIVIDUAIS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**, de Rodrigo Schaefer, e **SABERES LOCAIS E O TEXTO MULTIMODAL: PRÁTICAS DE TRANSLIETRAMENTOS NA FRONTEIRA**, de Adriane Elisa Glasser e Maria Elena Pires Santos, fecham a etapa de estudos linguísticos com contribuições sobre a língua tupi, o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e o translietramento.

A seção de Literatura congrega **O CONTO PERDIDO EM VASTAS EMOÇÕES E PENSAMENTOS IMPERFEITOS, DE RUBEM FONSECA**, de Lucio Flavio Rocha Junior, e **QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA – A ESCRITA DE SI EM CAROLINA MARIA DE JESUS**, de Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos e Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, que possibilitam leituras e análises sobre a literatura de Rubem Fonseca e de Carolina Maria de Jesus.

Alcançando as Artes, temos **A HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL E OS PRINCÍPIOS BÁSICOS QUE REGEM A ARTE COMO DISCIPLINA**, de Margareth Carli, que trata da disciplina e do ensino de artes, e, igualmente contemplando o ensino das artes, agora destacando a importância da pintura para a história da arte brasileira, **A PINTURA DE RETRATO NA SOCIEDADE PAULISTANA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL**, de Débora Elise de Almeida. **PALAVRAS E EXPRESSÕES INDÍGENAS EM TOADAS DE BOI BUMBÁ**, de Maria Celeste de Souza Cardoso, partilha a cultura indígena por meio das toadas. Semiótica e música é o enfoque de **ICONICIDADE E INDICIALIADE NA MÚSICA ELETROACÚSTICA**, de Fábio Scucuglia. A dança e a realidade escolar são abordadas por **MOVER E**

APRENDER: EXPERIÊNCIAS DO MOVIMENTO NA ROTINA ESCOLAR, por Amanda da Silva Pinto.

A META-HISTÓRIA COMO MÉTODO NARRATIVO APLICADO ÀS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA DE IBERÊ CAMARGO NA SÉRIE CARRETÉIS, de Mirian Martins Finger e Jorge Luiz da Cunha, e **FILME “PANTERA NEGRA”: A REPRESENTAÇÃO POSITIVA DA ÁFRICA E DO NEGRO NO CINEMA COMO AÇÃO DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL**, de Andressa Queiroz da Silva e Maurício dos Santos Lopes Júnior, focalizam as séries e os filmes, o primeiro movido pelo diálogo entre literatura, história e arte, o segundo com negritude e promoção de igualdades.

Finalizando, temos **CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA NA APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA PELA CRIANÇA**, por Talita Emanuella Ferreira Citó, Andreza Maciel Mesquita e Priscila Barros de Freitas, e **A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL ATRELADA A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS**, por Fabrícia Cristina Paes Pinheiro, Manuela Gomes Maués, Renan Pinheiro Silva, Tatiane Tavares de Oliveira, Felipe Edward Maciel Santos, Kelly Lima Bentes, Roberto Miranda Cardoso, Alessandro Monteiro Rocha, Pedro Paulo Lima Ferreira e Emerson Ferreira Pantoja. O primeiro aborda a Psicopedagogia e o ensino, enquanto o segundo traz a interpretação de texto como meio eficaz para o ensino de matemática.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
OS CURSOS DE LETRAS NO BRASIL QUINHENTISTA E OS <i>MONUMENTA ANCHIETANA</i> : UMA ANÁLISE À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA	
Leonardo Ferreira Kaltner	
DOI 10.22533/at.ed.4692025051	
CAPÍTULO 2	17
ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA: POSSIBILIDADE DE ESTIMULAR MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS DE DISCENTES PARA EVENTOS DE LETRAMENTO	
Ewerton Lucas de Mélo Marques Maria Auxiliadora Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.4692025052	
CAPÍTULO 3	27
LÍNGUA-ESTRUTURA E LÍNGUA-ACONTECIMENTO: UM OLHAR SOBRE O TÓPICO “GRAMÁTICA/ DISCURSO” DA PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA	
Fabiane Aparecida Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.4692025053	
CAPÍTULO 4	37
A TUPINOLOGIA E SEUS CRÍTICOS	
Eduardo de Almeida Navarro	
DOI 10.22533/at.ed.4692025054	
CAPÍTULO 5	51
UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DE FATORES INDIVIDUAIS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Rodrigo Schaefer	
DOI 10.22533/at.ed.4692025055	
CAPÍTULO 6	64
SABERES LOCAIS E O TEXTO MULTIMODAL: PRÁTICAS DE TRANSLETRAMENTOS NA FRONTEIRA	
Adriane Elisa Glasser Maria Elena Pires Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4692025056	
CAPÍTULO 7	73
O CONTO PERDIDO EM VASTAS EMOÇÕES E PENSAMENTOS IMPERFEITOS, DE RUBEM FONSECA	
Lucio Flavio Rocha Junior	
DOI 10.22533/at.ed.4692025057	
CAPÍTULO 8	80
QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA - A ESCRITA DE SI EM CAROLINA MARIA DE JESUS	
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.4692025058	

CAPÍTULO 9	91
A HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL E OS PRINCÍPIOS BÁSICOS QUE REGEM A ARTE COMO DISCIPLINA	
Margareth Carli	
DOI 10.22533/at.ed.4692025059	
CAPÍTULO 10	103
A PINTURA DE RETRATO NA SOCIEDADE PAULISTANA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL	
Débora Elise de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.46920250510	
CAPÍTULO 11	116
PALAVRAS E EXPRESSÕES INDÍGENAS EM TOADAS DE BOI BUMBÁ	
Maria Celeste de Souza Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.46920250511	
CAPÍTULO 12	128
ICONICIDADE E INDICIALIDADE NA MÚSICA ELETROACÚSTICA	
Fábio Scucuglia	
DOI 10.22533/at.ed.46920250512	
CAPÍTULO 13	139
MOVER E APRENDER: EXPERIÊNCIAS DO MOVIMENTO NA ROTINA ESCOLAR	
Amanda da Silva Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.46920250513	
CAPÍTULO 14	151
A META-HISTÓRIA COMO MÉTODO NARRATIVO APLICADO ÀS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA DE IBERÊ CAMARGO NA SÉRIE CARRETÉIS	
Mirian Martins Finger	
Jorge Luiz da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.46920250514	
CAPÍTULO 15	161
FILME “PANTERA NEGRA”: A REPRESENTAÇÃO POSITIVA DA ÁFRICA E DO NEGRO NO CINEMA COMO AÇÃO DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL	
Andressa Queiroz da Silva	
Mauricio dos Santos Lopes Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.46920250515	
CAPÍTULO 16	173
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA NA APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA PELA CRIANÇA	
Talita Emanuella Ferreira Citó	
Andreza Maciel Mesquita	
Priscila Barros de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.46920250516	

CAPÍTULO 17 180

A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL ATRELADA A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

Fabírcia Cristina Paes Pinheiro

Manuela Gomes Maués

Renan Pinheiro Silva

Tatiane Tavares de Oliveira

Felipe Edward Maciel Santos

Kelly Lima Bentes

Roberto Miranda Cardoso

Alessandro Monteiro Rocha

Pedro Paulo Lima Ferreira

Emerson Ferreira Pantoja

DOI 10.22533/at.ed.46920250517

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 192

ÍNDICE REMISSIVO 193

QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA - A ESCRITA DE SI EM CAROLINA MARIA DE JESUS

Data de aceite: 08/05/2020

Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Advogada. Mestra em Letras

thamiresvasconcelos.adv@gmail.com

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Advogado. Doutor em Letras

awsvasconcelos@gmail.com

RESUMO: O propósito da pesquisa consiste em tecer considerações acerca do diário da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), adotando como pressuposto teórico a *escrita de si* e o tom intimista das anotações da autora que, ao conceder a sua escrita as vivências do seu cotidiano, se despe e expõe as dores da marginalização social e nos permite ver o mundo através dos seus olhos e da sua própria história. Com o intuito de embasar nossa pesquisa, utilizamos os estudos de Foucault (2009), Lejeune (2009) e Klinger (2007), Figueiredo (2013), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Escritas de si. Carolina Maria de Jesus. Autoria Feminina.

(...) quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres, que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos.

Carolina Maria de Jesus (1960, p. 171)

1 | INTRODUÇÃO

A constituição de uma escrita que possui como centralidade discursiva o *eu* requer de quem a ela se dedica um posicionamento reflexivo em relação à sua história e ao mundo onde ela se desenvolve. O diário da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), congrega em si o valor autobiográfico da obra que denuncia as situações sub-humanas que determinados grupos socialmente marginalizados são submetidos dentro da hierárquica estrutura social. A consciência política, a crítica social e a coragem em descrever o sua dia a dia de mulher, mãe, negra, pobre e favelada que enfrentava as dores diárias da segregação fez dos escritos de Carolina de Jesus uma obra de relevância inquestionável,

posto que abre, de forma contundente a narrativa de sua própria história por aqueles que restam esquecidos, transfigurando o caráter intimista do gênero diário em um porta-voz que “ultrapassou os limites individuais e deu voz à coletividade miserável e anônima que habita os barracos e os vãos das pontes das grandes cidades” (DANTAS, 1960, p. 169).

Doravante, a escrita de Carolina de Jesus dispensa a voz daquele outro que outrora tomara para si o direito de narrar, um privilegiado que se apropria de um *lugar de fala* (RIBEIRO, 2016) que não o pertence e toma para si um sofrimento que nunca foi seu, reverberando este cenário de violência que sonega o direito à fala e a existência aos que se encontram à margem. Este sujeito esquecido, invisível socialmente, cidadão de segunda classe, alcança agora, por intermédio desta escritora, o poder de por si só narrar o seu enredo, denunciar com propriedade o que sofre e o que precisa. Sem intermediários. Sem narradores que o autorize ou que forje uma história não vivida. O dono de sua voz é ele próprio. Assim, a história marca a condição de fidedignidade, pois não é contada por aquele que apenas observa o *locus* excluído e promotor de exclusão, e sim vivida, verificada e sofrida por aquele que tem autoridade de fala. Afinal, é esse narrador esquecido sobre o cotidiano do abandono que denuncia as dores que fora obrigado a suportar. Em especial, na obra que nos dedicamos, a marginalização sofrida tem um enfoque: o feminino.

Neste sentido, o propósito consiste em tecer olhares acerca do referido diário adotando como pressuposto teórico a *escrita de si* e o tom intimista das anotações de Carolina de Jesus que nos permite ver o mundo através dos seus olhos e das suas vivências. A fim de embasar nossa pesquisa, utilizamos os estudos de Foucault (2009), e Klinger (2007), Lejeune (2014), entre outros.

2 | OS ESCRITOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

A obra selecionada para compor o *corpus* da nossa investigação, Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960), corresponde aos registros pessoais do cotidiano que marca o nascimento literário da escritora Carolina Maria de Jesus. Nesta escrita literária, onde a retratação do eu, as suas subjetividades e a descrição do seu cotidiano é eixo central da narrativa, a autora, que também figura como personagem e narradora, exprime, por meio de suas experiências, a contação da realidade a que pertence.

Para Michel Foucault, “escrever é, pois, ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro” (FOUCAULT, 2009, p. 150). É nesta perspectiva que Carolina de Jesus se revela. A escrita intimista da autora a despe, expõe as suas dores mais profundas, explicita a fome, o trabalho pesado e mal recompensado, a segregação, os olhares e a marginalização. Os relatos de Carolina de Jesus, em seu diário, apresentam o seu rosto, a sua história, as suas dores que, apesar das quase

seis décadas desde que fora escrito, continua a retratar as histórias de tantas outras pessoas que sofrem neste país.

O espaço autobiográfico das escritas de si, apesar da sua profusão na contemporaneidade, ainda encontra entraves e rotulações que insistem em enquadrá-lo como um gênero menor. Neste sentido, como confere Lejeune (2014), as literaturas autobiográficas não eram compreendidas pela teoria literária como sendo um gênero em si. Dessa maneira, memórias e testemunhos tinham o condão de fontes de história que serviriam ou não de base para a escritura literária. De acordo com Josefina Ludmer (*apud* Klinger, 2008, p. 17), quando estes escritos auto referenciais e intimistas são de autoria feminina, ocorre o que a autora classifica como “dupla marginalidade”, ou seja, a tentativa de inferiorização da obra não se encontra apenas na estilística ou no conteúdo, mas transcende ao tentar atingir aquela que a produziu. Os escritos de Carolina Maria de Jesus não saíram imunes às críticas nem tampouco às incansáveis tentativas de desvalorização de sua obra. O caráter eminentemente subjetivista dos seus relatos, demonstram simplicidade, simplicidade esta de quem teve um acesso educacional restrito devido ao dia a dia de catadora de papel que, entre o lixo alheio, encontra o sustento da sua família. Acrescentamos ainda a esta dupla rejeição o fator social que atrelado ao gênero e às questões de ordem estético-literárias se tornam um espiral de marginalizações quando pensamos o lugar que esta escritora ocupou na sociedade, bem como a sua inserção em tantos outros grupos minoritários, como a cor, restrito acesso escolar, dentre tantos outros.

Assim, sendo mulher, negra, pobre, mãe de três filhos de relacionamentos distintos e moradora da favela do Canindé em São Paulo, Carolina Maria de Jesus emprestou à escrita uma relação de complementariedade com o seu *eu* e um caminho de reflexão do seu cotidiano. Adotando a escrita como companheiro, a autora praticou a escrita de si como artifício capaz de minimizar as tensões provocadas pelo perigo da solidão. Assim, é plenamente possível traçar um paralelo com Foucault quando assim asseverou sobre o caráter amenizador da escrita intimista: o exercício da escrita de si mesmo atenua os perigos da solidão (FOUCAULT, 2009). Ademais, insta salientar que a autora não pretendia apartar de si não apenas a solidão, mas sim a própria fome como destaca: “quando eu não tinha o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário” (JESUS, 1960, p. 170). Ao ter seu diário publicado, Carolina de Jesus transpõe ao que antes pretendia como fim, o fugir da fome, e torna a sua voz plural, voz de tantas outras Marias, fazendo da sua obra também instrumento de denuncia ante o abandono estatal.

Neste aspecto, os escritos da autora estabeleceram entre si e o mundo-letrado a atemporalidade dos seus escritos ao demonstrar a forma como ela se relacionava com o mundo, apresentando-se através de passagens líricas e reais de crítica social e consciência política. Neste sentido, podemos compreender que a escrita de Carolina de Jesus, se classifica como um exercício de reflexão de si e do mundo, através da

escrita, posto que como afirma Compagnon, o “exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo” (COMPAGNON, 2012, p. 31). É este caráter estético-literário e ontológico que integra a arquitetura literária de Carolina de Jesus que apesar dos desvios linguísticos presentes em sua obra, próprios de uma semianalfabeta, constrói uma estética realista capaz de transcender o seu fazer-literário e torná-lo em um fazer político inconsciente (JAMESON, 1992), posto que “o impacto causado por Quarto de despejo foi além das discussões sobre o texto. O problema da favela, na época de dimensões reduzidas em São Paulo, foi discutido por técnicos e políticos” (DANTAS, 1960, p. 5), mas que ao longo do tempo a favela fora se multiplicando em centenas outras, ganhando novos endereços, novos moradores, e tornando a obra de Carolina Maria um “livro de ontem, [mas sim em] um livro de hoje” (DANTAS, 1960, p. 5), um livro-denúncia que continua a ser porta-voz de tantas outras bocas.

Destarte, os registros diários da autora, expunham a própria miséria do ambiente em que vivia e da sua condição de favelada, produzindo um discurso dotado de visão crítica dos acontecimentos daquele ambiente social. A escrita incisiva de Carolina de Jesus retrata realidade de marginalização e precariedade da vida na favela do Canindé, bem como denunciava os abusos dos cotidianos ocorridos contra si, como a fome que invadia seu lar e o estômago dos seus filhos, bem como as violências ocorridas entre os vizinhos e sofrida pelo fechar dos olhos estatal. Nesta esteira, é possível observar no escrito diário carolinianos que compreendem meados da década de 1950 até 1960, a situação que de miserabilidade e exclusão social que assola a família Jesus e toda a Comunidade da Favela do Canindé. Para uma abordagem mais específica dos escritos intimistas de Carolina de Jesus, adotaremos os estudos de Philippe Lejeune (2008) como aporte teórico sobre o diário e a sua escrita de si. Todavia, reiteramos que o presente estudo, devido a sua complexidade e seu curto espaço de discussão, não possui caráter exaustivo, mas sim predispõe-se a tecer considerações acerca da temática da escrita de si no *corpus* selecionado.

3 | O DIÁRIO PESSOAL E ESCRITA DE SI: O DESNUDAR DO EU

O exercício da escrita de si requer de quem a ele se dedica uma revisitar do eu e um posicionamento reflexivo sobre os fatos vividos e que serão registrados nas folhas do diário. Neste sentido de introspecção e desvelamentos, onde as máscaras são retiradas, o eu é apresentado em um encontro consigo mesmo a cada palavra redigida. Foucault (2009), já argumentava que esta modalidade de escrita, constrói a noção de indivíduo. Portanto, no cenário pós-moderno, o qual nos encontramos, onde o sujeito encontra-se fragmentado (HALL, 2015), a representação de si pode ser considerada como um caminho que busca a organização desta identidade descentralizada.

Após a decretação da morte do autor por Roland Barthes, em seu ensaio “A

morte do autor” (1984), a escrita autorreferencial surge como um sopro de vida. A “autorreferência em primeira pessoa, talvez seja a forma de questionamento do recalque modernista do sujeito” (KLINGER, 2007, p. 33). Nesta perspectiva, a escrita de si pode ser adotada como um exercício de questionamento, construção e reconhecimento identitário. Um caminho que tem como fim o *eu*.

A referida escrita, autobiográfica, comporta em si diversas modalidades, como as cartas, diários íntimos, confissões, memórias, mas independentemente da nomenclatura ou da estrutura do gênero escrito, todas estas encontram como eixo temático o eu, problematizando-o e pondo em evidência. Nesta relação em que o *eu-narrativo* retroalimenta-se, narrando não apenas para esvaziar-se, mas também para nutrir-se, as narrativas de si caracterizam-se pelo seu caráter autofágico, no qual o narrador e a narrativa são duplamente alimentados pelas vivências. Neste sentido, insta salientar o caráter catártico destas narrativas, que auxiliam o escritor a sublimar as suas frustrações.

No tocante ao diário, nosso objeto de estudo, Philippe Lejeune (2014), afirma que este suporte da escrita de si apresenta múltiplas funções, podendo ser utilizados como instrumentos de conservação da memória, como forma de sobreviver ao tempo, para desabafar, de conhecer-se enquanto sujeito, deliberar, resistir, sobreviver, pensar e, obviamente, pelo hábito e gosto de escrever. No tocante a escrita diarista como um desabafo dos sabores cotidianos, Lejeune aduz que o diário “é um espaço onde o *eu* escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real” (LEJEUNE, 2014, p. 303).

Neste sentido de introspecção e escrita de si, o gênero diário se assemelha a autobiografia, pois concentra na figura do personagem, autor e narrador a mesma identidade pessoal, realizando o que Lejeune classifica como o *pacto autobiográfico*. Neste pacto firmado entre o autor-personagem e o leitor, encontra-se o estabelecimento de uma verdade fática, vivida e experienciada por ele e que será conhecida pelo leitor. Apesar da semelhança entre estes gêneros, Toledo delimita as suas diferenças centrando-as no tempo da narrativa, como podemos observar:

Atentando para a distinção teórica entre diário e autobiografia configurada, basicamente, no tempo narrativo: o “eu” do diário escreve o que ocorreu num passado próximo, ou seja, dentro das vinte e quatro horas daquele dia. Já a autobiografia seleciona os fatos mais importantes de toda uma vida, o “eu” narra do futuro, tempo do seu presente, recuperando e revivendo o passado enquanto disserta. (TOLEDO, 2011, p. 31)

O registro temporal contido nas datações destes escritos possibilita observar a frequência diarista dos registros da vida comum. Esta peculiaridade própria do diário permite-nos associá-la aos elementos constitutivos e caracterizadores deste gênero. Segundo Blanchot, podemos sistematizar as características de um diário íntimo,

considerando que

O diário íntimo, que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que se quiser, é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário. Esse é o pacto que ele assina. O calendário é seu demônio, o inspirador, o compositor, o provocador e o vigilante. Escrever um diário íntimo é colocar-se momentaneamente sob a proteção dos dias comuns, colocar a escrita sob essa proteção. (BLANCHOT, 2005, p. 270)

Neste mesmo sentido, Lejeune afirma que a ausência das datas que comprovem os registros diários e as sequências temporais da escrita invalida este gênero literário, tornando-o um mero caderno de notas

(...) Um diário sem data, a rigor, não passa de uma simples caderneta. A datação pode ser mais ou menos precisa ou espaçada, mas é capital. Uma entrada no diário é o que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado. (...) Quando soa meia-noite não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário para cair na autobiografia. (LEJEUNE, 2014, p. 260)

Este recurso, próprio do diário, enraíza o movimento de escrever no tempo, preservado por sua data. Porquanto, Lejeune confere ao diário a denominação de vestígios: “Ele pressupõe a intenção de balizar o tempo através de uma sequência de referências. O vestígio único terá uma função diferente: não a de acompanhar o fluxo do tempo, mas a de fixá-lo em um momento-origem” (LEJEUNE, 2014, p. 301). É válido ressaltar que a escrita diarista não impõe ao escritor, necessariamente, um compromisso narrativo dia a dia, religiosamente sequenciado. A relação com a data em si concentra-se no intuito de registrar o dia e o acontecimento que merece tal anotação, costumeiramente são encontrados além dos relatos intimistas, pensamentos sobre um assunto pontual, poemas, meros registros, desenhos, bem como as rasuras que atuam como censura própria do que foi externalizado ou como um instrumento simples de correção da escrita.

Assim, a fragmentação das anotações, ou seja, a não linearidade dos relatos na estrutura do diário evidencia o seu caráter referencial, pois como afirma Figueiredo este “caráter frouxo, fragmentário, às vezes é tão referencial que o leitor não entende o sentido de algumas frases” (FIGUEIREDO, 2013, p. 38). Neste sentido, observamos que os registros diaristas possuem tamanha intimidade e ligação com o autor que é possível que tais escritos representem significado apenas para ele, tornando-se elementos vazios de significado para quem o lê, passando despercebidamente como meros registros.

4 | A ESCRITA DE SI EM QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA

15 de Junho de 1955. Aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. (JESUS, 1960, p. 9)

Carolina de Jesus inicia, com fragmento supracitado, os seus registros que vão de 15 de Junho de 1955 a 01 de Janeiro de 1960, marco temporal este que congrega alguns intervalos de escrita. A obra intitulada pela autora apenas como *Quarto de Despejo*, e complementada com o subtítulo pelo *Diário de uma favelada* pelo seu organizador Audálio Dantas, dedica-se, imperiosamente, ao registro do simples e denso cotidiano da vida de Carolina de Jesus e dos acontecimentos que, de certa forma, repercutiam sobre a autora, tendo ela protagonizado ou apenas aplicado o seu juízo de valor em suas narrações.

A forma como Carolina de Jesus descreve a dura realidade dos sujeitos que se confrontam diariamente com a fome, escancara a condição de miserabilidade de grande maioria da população brasileira. A realidade marginal, vivida por Carolina de Jesus se torna mote para as suas escritas, onde a autora relata, confessa e expõe as dores da miséria. Através da sua escrita, a autora concede ao subalternizado o lugar de fala, a denúncia da realidade de quem não mais suporta o contexto de exclusão e marginalização, o qual encontra-se inserido. A crueza das palavras da autora representa, sem eufemismos, a igual crueza da realidade que a cerca.

As temáticas dos seus escritos são recorrentes, eles circundam sempre sobre a fome, a necessidade de catar materiais recicláveis para poder suprir as necessidades básicas, bem como a sua revolta em morar em um ambiente que para ela não possui a mínima dignidade. A favela do Canindé é representada como um quarto de despejo, onde o poder público abandonava aqueles – os pobres – que não os servia

28 de maio ... E o pior na favela é o que as crianças presenciam. Todas as crianças de uma favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate-fundos. De modo que quando a mulher sai correndo nua é um verdadeiro espetáculo para o Zé Povinho. Depois começam os comentários entre as crianças: - A Fernanda saiu nua quando o Armin estava lhe batendo (JESUS, 1960, p. 46).

(...)

7 de julho (...) Enquanto eu vestia ouvia a voz do Durvalino que discutia com um bêbado desconhecido por aqui. Começou surgir as mulheres. Elas não perdem estas funções. Passam horas e horas contemplando. Não lembram de nada, se deixou panela no fogo. A briga para elas é tão importante como as touradas de Madri para os espanhóis. (JESUS, 1960, p. 83)

Durante toda a sua narrativa, Carolina de Jesus apresenta-se como um sujeito deslocado dentro da comunidade do Canindé. O inconformismo da autora se expressa não apenas com as condições de desamparo estrutural da comunidade, mas também com os demais moradores que a compõem. Não se sentindo parte integrante do grupo social que vivia, Carolina de Jesus isola-se e encontra refúgio entre as folhas de papel que encontrava em meio as catações.

O diário, amigo íntimo em que Carolina de Jesus desabafa as suas angústias também serve como um caminho de reflexão acerca da sua realidade. Mulher, negra, pobre, mãe de três filhos de relacionamentos distintos e moradora da favela do Canindé em São Paulo, Carolina Maria de Jesus emprestou a escrita uma relação de complementariedade com o seu *eu* e um caminho de reflexão do seu cotidiano. A ausência do amparo matrimonial é constantemente retomada por Carolina de Jesus, mas não como um lamento ou aspiração, mas sim, como liberdade a subjugação que estes tentavam conferi-la. Carolina de Jesus se defende em seu diário das acusações e censuras cometidas pelas suas vizinhas que vítimas do patriarcado, mesmo sendo escravas do marido, acreditavam estar por eles amparadas

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e os meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam a vida de escravas indianas.

Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis. (JESUS, 1960. p. 14)

Podemos observar no fragmento acima, que Carolina de Jesus defendia a necessidade da independência feminina e da liberdade das amarras patriarcais que apenas a subjugavam e mantinham-nas em um novo formato de escravidão. O posicionamento à frente do seu tempo, faz de Carolina de Jesus uma mulher livre dos tabus e dona de si. Em seu diário, a autora expurga as tormentas diárias, realizando sobre ela uma purificação de si no desabafar ao seu companheiro que comporta todas as dores, absorve os fracassos e absolve a escritora-personagem da dura realidade que a cerca, sendo para ela um consolo-amparador. O presente diário se apresenta como o amigo mais próximo a que tudo se confia. É nele que se pode fazer suas confissões que talvez não fossem feitos de outra forma, nem sequer a uma pessoa, pois, conforme diz a autora em entrevista anexa a obra: “(...) eu escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Fico pensando o que será *Quarto de despejo?*, umas coisas que eu escrevia há tanto tempo para desafogar as misérias que entrelaçavam-me igual o cipó quando enlaça as árvores, unindo todas” (DANTAS, 1960, p. 171).

O diário de Carolina de Jesus, mesmo comportando todas as particularidades próprias de um diário íntimo, o qual promove reflexão sobre o cotidiano e que tem no

eu a centralidade discursiva, apresenta ainda sobre a população um poder coercitivo que permite o estabelecimento de uma ordem paralela na favela do Canindé, ou pelo menos, na sua vizinhança. As narrações de Carolina de Jesus sobre o cotidiano da favela era de conhecimento comum de toda a população, majoritariamente analfabeta. Contudo, nem todos se agradavam e Carolina de Jesus utilizava do poder que a escrita lhe concedia para manter a ordem, conforme assevera Dantas (1960)

Carolina narrava em seus escritos as histórias presenciadas na favela, pinçava o que ali ocorria de mais absurdo, em sua concepção, julgando o comportamento e visões de mundo da sua vizinhança. Carolina Maria de Jesus, a da Rua A, barraco número 9, é quem diz e escreve, tinta forte, letra torta, direitinho, tudo da favela. (DANTAS, 1960. Prefácio)

Entretanto, apesar do poder que a caneta a conferia Carolina de Jesus se tornara alvo de ofensas e rechaços, estes partidos de todos os lados e de todos os moradores, de homens a mulher, de adultos a crianças

(...) A Silvia pediu-me para retirar o seu nome do meu livro. Ela disse me: – Você é mesmo uma vagabunda. Dormia no Albergue Noturno. O seu fim era acabar na maloca. (JESUS, 1960, p. 21)

(...)

Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: – Está escrevendo, negra fidida! A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam. ... Hoje a D. Francisca mandou sua filha de sete anos provocar-me, mas eu estava com muito sono. Fechei a porta e deitei. (JESUS, 1960. p. 24)

Porém, as ofensas praticadas não cessaram o seu desejo de escrever, sendo este seu único meio para aliviar-se da dor que a tomava, Carolina de Jesus continuava, mesmo em meio aos insultos a escrever, pois conforme a autora diz “quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias sento no quintal e escrevo” (JESUS, 1960, p.19). É neste exercício de libertação das angústias que Carolina Maria de Jesus, escreve e insere-se na literatura brasileira.

Ademais destacamos que a publicação dos relatos pessoais de Carolina de Jesus também exerceu sobre o meio social, mesmo que de forma rápida, uma reflexão sobre as reais condições de vida dos favelados, de um povo que apesar da abolição ainda lutam contra a “escravatura atual: a fome” (JESUS, 1960, p. 25), bem como promoveu uma denúncia sobre os descasos públicos e dos políticos com a população da favela.

10 de maio Fui a delegacia e falei com o tenente. Que homem amável! Se eu soubesse que ele era tão amável, eu teria ido na delegacia na primeira intimação (...) O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil à pátria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um

relatório e envia para os políticos? O senhor Jânio Quadros, o Kubistchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar pra mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades.

.... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora.

Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças. (JESUS, 1960, p.26)

Neste sentido, conforme o fragmento a cima, podemos observar que os manuscritos de Carolina de Jesus não restringem-se apenas a questões de ordem interna, como já anteposto, mas sim transcendem e alcançam questões político-sociais que ainda hoje se apresentam, no cenário brasileiro, como a inoperância dos gestores do estados e da União em consolidar políticas públicas de combate que confirmam dignidade aos sujeitos marginalizados.

Por fim, destacamos que o sucesso editorial vivenciado pela autora logo após a publicação do seu livro transformou “Carolina, querendo ou não transformou-se em artigo de consumo e, em certo sentido, num bicho estranho que se exibia ‘como uma excitante curiosidade’” (DANTAS, 1960, p. 4), momento em que Dantas resgata a visão e os dizeres de Luís Martins. O exotismo que contaminou as prateleiras e alterou o interesse dos leitores e da crítica em geral, justifica-se pela novidade que pairava junto com o nascimento literário de Carolina de Jesus que sendo “negra semi-analfabeta que alcançara o estrelato e, mais do que isto, ganhara dinheiro, pairava a força do livro, sua importância como depoimento, sua autenticidade e sua paradoxal beleza” (DANTAS, 1960, p. 5). Esta excitação nos permite vislumbrar não apenas o a força do livro, mas também a força do capital que transforma os sujeitos marginalizados em objetos de consumo até quando estes apropriam-se dele para denunciar os desmandos impostos, haja vista que apesar do sucesso meteórico vivido pela escritora, esta logo fora condenada ao ostracismo, sendo resgatada pelos estudos literários de autoria feminina e afro-brasileiros e conferido o seu valor estético, literário e humano.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sentido, podemos observar que o *corpus* selecionado para análise corresponde a uma descrição intimista da vida da autora que enfoca a sua relação com o contexto de dificuldades que vive, bem como a sua força em mesmo diante a dificuldade seguir.

Podemos concluir que o exercício da escrita contida no diário de Carolina de Jesus atua sobre a autora-personagem como um exercício de reflexão do seu dia a dia, de si e como uma mecanismo que a auxilia a continuar.

O diário que serve que companheiro, comporta todas as dores, absorve os

fracassos e absolve a escritora-personagem da dura realidade que a cerca, sendo para ela um consolo-amparador. O presente diário se apresenta como o amigo mais próximo a que tudo se confia, é nele que se pode fazer os desabafos que talvez não fossem feitos de outra forma.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- COMPAGNON, Antone. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- DANTAS, Audálio. **A atualidade do mundo de Carolina**. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960, p. 3-5.
- DANTAS, Audálio. **A literatura e a fome**. Entrevista com Carolina Maria de Jesus. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960, p. 169-173.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho**: autobiografia, ficção e autoficção. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Editora Passagens, 1992.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12º ed. Rio de Janeiro, Lamparina, 2015.
- JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- JAMESON, Fredric. **O inconsciente político**: a narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro, Editora: 7 Letras, 2007.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Organização Jovita Maria G. Noronha. Trad. de Jovita Maria G. Noronha, Maria Inês C. Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.
- TOLEDO, Cristiane Vieira Soares. Carolina Maria de Jesus a escrita de si. **Revista Letrônica**. v. 3, n. 1, p. 247-257, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artes 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 12, 15, 16, 26, 46, 93, 94, 95, 96, 99, 102, 104, 109, 110, 128, 136, 152, 159, 164, 179

B

Boi Bumbá 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 126, 127

Brasil 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 28, 29, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 66, 89, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 115, 120, 140, 155, 164, 166, 169, 170, 171, 179, 191, 192

C

Conto 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79

Cultura 5, 16, 21, 38, 41, 47, 48, 49, 64, 66, 67, 68, 70, 94, 95, 98, 101, 102, 115, 118, 119, 126, 147, 148, 149, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 177, 192

D

Dança 93, 99, 100, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 139, 142, 147, 148, 149, 156

Discurso 5, 7, 8, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 48, 67, 74, 83, 95, 152, 154, 159, 160, 166

E

Ensino da arte 91, 92, 94, 98, 99, 102

Escrita de si 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90

Estágio 17, 19, 103

F

Filme 66, 67, 76, 161, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171

G

Gramática 1, 2, 3, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 46, 47, 50, 52, 53, 57

H

Historiografia 1, 2, 3, 15, 16, 152, 159

I

Iconicidade 128, 133, 134, 135, 136

Igualdade 161, 163, 167, 170

Indicialidade 128, 133, 134, 136

Indígena 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 48, 49, 120, 122, 124, 125, 126

Interpretação 30, 33, 34, 51, 52, 56, 57, 62, 154, 158, 159, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 190

L

Letramento 17, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 90

Letras 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 14, 26, 36, 40, 64, 80, 90, 103, 119, 120, 150, 161, 172, 191, 192

Língua estrangeira 51, 52, 53

Língua portuguesa 17, 18, 19, 20, 22, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 41, 43, 50, 64, 66, 67, 71, 140, 141, 147, 149, 183, 184, 191, 192

Linguística 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 14, 15, 16, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 34, 39, 43, 46, 48, 64, 118, 127, 130, 135, 138, 153, 192

Literatura 8, 16, 35, 38, 42, 48, 49, 52, 75, 83, 88, 90, 95, 162, 163, 164, 171, 192

M

Memórias 82, 84, 104, 140, 142, 151, 153, 159

Meta-História 151, 159, 160

Movimento 5, 67, 78, 85, 91, 93, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 153, 162, 163, 164

Música 19, 20, 21, 51, 52, 55, 56, 61, 67, 93, 97, 99, 100, 116, 119, 120, 122, 124, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 137, 144, 146

N

Negro 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171

P

Processo de aprendizagem 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 62, 174, 177, 178

Psicopedagogia 173, 174, 175, 176, 178, 179

R

Resolução de problemas 180, 181, 182, 190, 191

T

Texto 2, 3, 5, 7, 9, 27, 29, 31, 32, 34, 40, 45, 47, 57, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 83, 130, 138, 151, 153, 154, 159, 184, 185, 186, 188, 190

Toadas 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 126, 127

Tupi 8, 13, 14, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 124, 125, 126

Tupinologia 37, 40, 41, 42, 49

 **Atena**
Editora

2 0 2 0